

CAMINHADA E ESCUTA COMO DISPARADORAS DE UMA POÉTICA DE EXPERIÊNCIA PARA VIVER NA ZONA A RUA, O ATELIÊ, A MONTAGEM

WALK AND LISTEN AS TRIGGERS OF A POETIC EXPERIENCE TO LIVE IN
THE ZONE. THE STREET, THE STUDIO, THE EDITION

Cristiano Souto Sant'anna

PPGArtes UFRGS/CAPES

Resumo: O artigo apresenta dois trabalhos do autor, Pequena história da Zona e Luminária solução de forma-conteúdo, o cotidiano de ateliê do artista, as relações entre essas obras e as práticas poéticas na região da Avenida Farrapos, em Porto Alegre. Atravessado pela noção de experiência, o artista desenvolveu uma rotina de convívio e uma poética da experiência, que resultou no compartilhamento de saberes articulados no ateliê e galeria. O artigo ainda desenvolve o conceito de Zona, delimitado como a região física da Avenida Farrapos, mas ampliando o sentido para zona de bagunça, de meretrício, zona imaginária.

Palavras-chave: experiência, escuta, zona, narrativa, fotografia.

Abstract: *This article presents two works by the author, Small Story of the Zone and SpotLight solution of form-content, the routine of the artist's studio, the relations between these works and the poetic practices in the region of Farrapos Avenue, in Porto Alegre. Crossed by the notion of experience, the artist developed a routine of conviviality and a poetics of experience, which resulted in the sharing of articulated knowledges in the studio and gallery. The article develops the concept of Zona, delimited as the physical region of Farrapos Avenue, but extending the sense to a zone of mess, of prostitution, imaginary zone.*

keywords: *experience, listening, zone, narrative, photograph.*

Sentado na sala do meu ateliê, braços cruzados, a uma distância de 3 metros, observo as cinco fotografias na parede. Daqui onde estou elas se apresentam como manchas vermelhas e negras fortes, grudadas com imãs sobre a tinta cinza magnética. Em minha mesa se espalham uma confusão de textos impressos, livros, conta de luz, isqueiro, um “scanner”, moedas, o computador onde digito, paro, cruzo os braços, olho a parede, volto a digitar. Nesse momento minha mente foge desse espaço e vai para onde tudo começou.

Caminhar

Desci do ônibus na rodoviária de Porto Alegre. Vim do bairro Bom Fim retomar uma rotina que iniciei há três anos. Tenho caminhado e fotografado a região da Avenida Farrapos, em Porto Alegre. É um domingo de manhã. Re-encontro o mesmo espaço vazio, de portas fechadas, que escolhi para meus percursos em 2016. Nessas horas a cidade se apresenta como um esqueleto para mim. Sem o movimento de comércio da semana, é possível ver o que ela me mostra em camadas. Sandra Pesavento diz que “a cidade sempre se dá a ver pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades contidas na cidade presente”. (PESAVENTO, 2007) En-

quanto caminho, percebo as histórias gravadas na estrutura de concreto e pelo chão. A região da Avenida Farrapos, uma das vias mais movimentadas de Porto Alegre, é lugar habitado por muitos grupos sociais e que assistiu a diversos ciclos econômicos que deixaram suas marcas e hoje se conectam em um território. Caminhar por aqui é perceber esses rastros, esses resquícios arqueológicos: uma pichação, uma janela que se fecha em tijolos, uma entrada de garagem que faz às vezes de marquise e casa. Como uma sobreposição de poeira, é possível olhar as cidades do passado na cidade atual. É possível também ver as pessoas nela.

Faz meses que meu ateliê é uma bagunça, uma zona de papéis, fotografias, livros,. Uma confusão onde tropeço e quase caio às vezes. Todas as minhas caminhadas pela Farrapos, as conversas, experiências, fotografias que raspei daquele lugar vieram se depositar aqui. De forma desordenada, ou numa lógica incompreensível para mim, o lugar me envolve de tal maneira que é quase caótico às vezes, uma zona.

Zona

Uma busca no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* apresenta a palavra zona como uma região delimitada, faixa, região com características particulares; local de prostituição; bagunça, desordem (Houaiss, 2010). No site *Dicionário*

Figura 1 Díptico sem título, 2016. Fotografia do autor.



Informal a origem etimológica da palavra, no sentido de zona de meretrício, está “no hebraico ZONÁ (= prostituta), decorrendo desta analogia toda e qualquer definição com o intuito de referência a bagunça, cabaré, bordel, etc.” (<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/zona/994>). A zona é simbólica, sentimental também. “A sua musa refugia-se numa zona de sentimentos mais imprecisos”, fala Jacinto Prado Coelho a cerca da poesia de Rosalia de Castro.

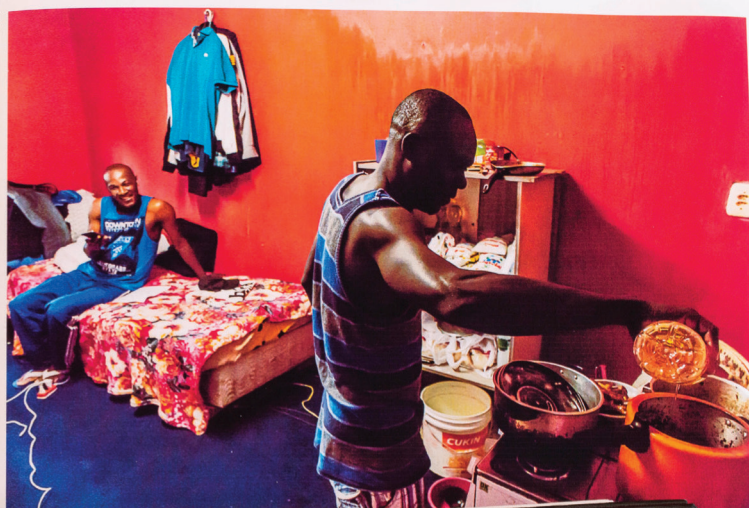
A região, território, espaço que tenho percorrido nos últimos anos, aguçando os ouvidos e o olhar, foi definido pelo poder público como 4º distrito, cortado por três avenidas (Av. Farrapos, Av. Voluntários da Pátria e Av. Cristóvão Colombo), que a econômica local chama área

degradada da cidade, disponível para a especulação imobiliária e de um imaginário de insegurança e criminalidade, que a recente migração de produtores, artistas, ativistas culturais nomeou como Distrito C(ultural), é uma zona. Não área, nem território, mas Zona de Contaminação, Zona de Atrito onde coisas diferentes convivem, negociam, se confundem e fundem.

Ela é também um modo de ser e usar. Tornar-se parte dela é algo comportamental e relacional. É nessa zona que caminho, paro, escuto: a Zona Farrapos.

Uma sensação de sufocamento me toma e eu sou obrigado a levantar. Dou a volta na mesa e me aproximo daquelas manchas na parede. Agora posso ver. As manchas ganham formas.

Figura 2 Feijão de Refugiado, 2018. Fotografia do autor.



FEIJÃO DE REFUGIADO

1 XÍCARA DE FEIJÃO
1 LITRO DE ÁGUA
PASSAR NO LIQUIDIFICADOR
COAR
SAL A GOSTO
SERVIR O CALDO EM CANECAS

São cinco fotografias dispostas lado a lado. Uma pequena história de experiência com dois amigos que encontrei na Zona. Percebo, e lembro, aquele dia com Roland e Inel, esses dois imigrantes haitianos que receberam um fotógrafo brasileiro para almoçar.

Parar e Escutar

A primeira vez que encontrei Roland e Inel foi na frente da casa deles, enquanto cortavam o cabelo um do outro. Agora estou sentado na cama do quarto deles. Inel preparando o nosso almoço. Já estava de saída quando Roland me olhou e disse: se come sozinho não é amigo. Tive que ficar. Feliz com aquilo. Comemos arroz, frango e feijão, preparado de uma forma que nunca tinha visto. Inel separou uma xícara

de grãos, cozinhou e depois misturou com um litro de água no liquidificador. Uma forma inteligente de fazer render a comida em tempos de dificuldade. Guardei a receita e anotei: Feijão de Refugiado.

Nossa relação começou há seis meses e ainda não sei muito bem o que pensam de mim. Todas as vezes em que estive em sua casa, Roland me recebeu com um sorriso. Imagino que sorri sempre que não entende algo que é dito. Inel, mais baixo, tem um olhar entre curioso e desconfiado. Algo que estuda sem se entregar. A barreira da língua é terrível. Achei que meus dois semestres de estudos na Aliança Francesa dariam conta de uma comunicação básica. A questão é que eles não falam francês. O Haiti foi o primeiro país da América Latina a proclamar a indepen-

Figura 3 Almoço com Roland e Inel, 2018. Fotografia do autor.



dência. Fez isso numa guerra sangrenta em que, ao menos tempo, decretou o fim da escravidão. Literalmente expulsaram os franceses para o mar. Seus antepassados se rebelaram contra os senhores das fazendas e da Europa. Tudo assim, de uma vez só. Natural que distorcessem a língua do opressor. Resultado: não entendo quase nada do que dizem.

Sou um estranho aqui. Alguém que se aproximou com o propósito de conhecê-los e admito que, se fosse comigo, ficaria muito desconfiado. Estamos dispostos, mas numa Zona de Atrito (ZANATTA). Experimentamos, nós três, o que Claudia Zanatta, trazendo o conceito da biologia, define como um Ecótono. Essa região de encontro entre dois biomas distintos, campo e floresta, por exemplo. O que acontece nessa zona limítrofe são disputas por territórios, plantas que competem, mas no centro dessa intersecção, surge algo novo. Algo que não pode ser dito nem campo, nem floresta, mas um novo ambiente que é o resultado desse encontro. Do contato de um artista (fotógrafo, mestrando) com dois imigrantes haitianos (motoristas de caminhão no país de origem, trabalhadores da limpeza na Santa Casa de Misericórdia) algo de atrito surge sempre, algo de dúvida sobre intenções e entendimentos, de curiosidade, e algo novo.

Na parede do ateliê, essa pequena sequência de fotos apresenta um detalhe das roupas penduradas e refletidas no espelho do quarto dos meus amigos, Inel ligando o liquidificador, essas mesmas fotografias saindo da impressora, uma cena geral da casa deles (um quatinho de três por quatro metros) e as fotos refotografadas na parede. É como viver a experiência de novo. Sentir o gosto do feijão enquanto imprimo as fotos, coloco na parede, ordeno, fotografo mais uma vez, de novo imprimo. Essa narrativa em abismo ajuda a decantar as diversas camadas que ras-

pei das caminhadas e paradas. Ajuda a buscar entendimento e sentido nessa experiência.

Agora penso que apresentar as fotografias no contexto da relação fora-dentro-fora do ateliê é expor as evidências de que o que está em questão não é a visão do outro, mas a visão sobre a visão. É montagem momentânea, mas se estabelece como uma escolha de olhar sobre a experiência no lugar, projetando-se sobre um novo lugar (o ateliê), como uma nova experiência. É o mesmo que dizer que essas imagens, colocadas lado a lado, ganham significados que, ainda que conectados ao momento em que as fiz, se desdobram aqui pela possibilidade de reordenar, cortar, editar, montar.

Pequena história da Zona e Luminária solução de forma-conteúdo

Seis meses haviam se passado desde que almoçamos pela primeira vez, quando tive que preparar um trabalho para exposição coletiva na Pinacoteca do Instituto de Artes. Estava envolvido com a minha Zona. Tomando café com Seu Antônio, catador da Vila dos Papeleiros, lendo *Arte como experiência*, de John Dewey, *A Educação do An-Artista*, de Allan Kaprow, *cerca do dos Andróides com Defeito*, do Tom Zé, e a ideia de transpor para a galeria a experiência vivida na Farrapos, uma Farrapos que se deslocava constantemente entre meu ateliê e o lugar onde Roland e Inel vivem, me parecia uma atividade sem sentido para a pesquisa que estava desenvolvendo. Aliás, como se transpõe uma experiência? Não se transpõe. A experiência é vivida, sentida, única e pessoal. Melhor é dizer narrar. Pensando em Walter Benjamin e seu texto *O Narrador* (1995), olhar para essa proposta colocando-se nesse papel: aquele que conta o que viveu. Mas isso também não me encantava. O fato é que eu não estava nem um pouco ani-

mado com a ideia de fazer algo para aquelas paredes brancas. Naquele momento, toda minha inquietação vinha do convívio com as pessoas da Farrapos.

Diante do problema, pensei naquelas cinco fotos na parede do ateliê. Nessa reconstrução da experiência, em forma narrativa, que se estabelecia, para mim, como uma nova experiência. Uma re-vivência da Zona.

Para a exposição, imprimi uma fotografia 90cm x 140cm, que pus na parede, e produzi um livro de artista, sobre uma pequena prateleira. Durante a montagem à tarde, no mesmo dia da abertura, minha primeira opção era prender a foto com ímãs, como referência à forma como edito nas paredes do ateliê. Parecia óbvia a referência a uma narrativa em abismo. A fotografia da fotografia. Olhei em volta e percebi pelo menos mais cinco trabalhos que estavam sendo montados com o mesmo recurso. Recolhi os ímãs e coleí a foto direto na parede sem muito cuidado, feliz em me libertar daquela referência teórica fácil e das soluções de montagem da moda.

Olhei para a fotografia, o livro, resolvi deixar a luz apenas projetada sobre a prateleirinha. Queria que a parede se perdesse na obscuridade. Peguei um tubo de plástico, envolvi em fita isolante e coleí junto à lâmpada. Solução encontrada com o que tinha à mão, uma improvisação, uma gambiarra. Aquilo que Milton Santos definiu como solução de forma-conteúdo, “um híbrido de materialidade e relações sociais” (SANTOS, 2006). A vida na Zona, com poucos recursos, exige criatividade para resolver problemas com o que se tem por perto, como o feijão de Inel. Sem perceber, estava dando materialidade a relações sociais aprendidas no cotidiano.

Quando voltei à noite, hora da abertura da exposição, a gambiarra que havia feito para projetar a luz tinha sido retirada. Esquentou, saiu

fumaça e queimou dois disjuntores da galeria. Fiquei sabendo que, por pouco, meu trabalho não tinha posto fogo no prédio todo. Comentei com minha orientadora de mestrado e ela, com um olhar doce que parece estar sempre sorrindo, disse: põe uma latinha de refri.

A proposta disparou algo e passei a semana trabalhando. Fiz daquela galeria meu ateliê. Peguei uma latinha, de Coca-Cola, fui bebendo até o Instituto de Artes e disse ao pessoal que iria colocá-la na lâmpada para direcionar a luz. Não gostaram muito da ideia. Eu já havia quase posto fogo no prédio. Queria chamar um electricista. No fim aceitaram e pus a lata na lâmpada, que passou a se chamar *Luminária solução de forma-conteúdo. O conteúdo, no caso, bebi*. Depois, apareci com algumas fotos que estavam jogadas sobre minha mesa, alguns pregos e um barbante vermelho. Fui pregando as fotografias sobre a fotografia maior, amarrando com o barbante. Ligando, conectando, contando a história. Dei um passo pra trás e achei interessante essa outra forma de contar. No livro, linear, uma foto após a outra; na parede, caótica, conduzida por uma linha vermelha que não se sabe onde começa ou termina. Instaurou-se a *Pequena história da Zona*.

Tanto do ponto de vista da contação de história, através das fotografias em um livro fotográfico de autor, como da utilização de soluções de montagem que se conectam a práticas próprias do lugar, esses dois trabalhos relacionam imagens e saberes aprendidos para materializar uma obra narrativa visual, em livro e na parede, barbantes vermelhos, que tecem e conectam impressões, e uma lata de coca-cola, que faz as vezes de luminária, numa resolução de forma que adensa conteúdos poéticos gerando soluções de vida que são, ao mesmo tempo, artísticas e práticas.

Figura 4. Página anterior. Montagem de Pequena história da Zona e Solução de forma-conteúdo na exposição na Pinacoteca Barão do Santo Ângelo, 2018. Fotografia do autor.

Pensando a Experiência

Jorge Larrosa Bondía, em seu artigo *Notas sobre a Experiência e o Saber de Experiência* (2002), afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Em espanhol, sua língua materna, diz que “se nos passa”, que tem, ao mesmo tempo, o sentido de acontece a nós e nos atravessa. É algo vivido e não informado. Ela produz um tipo de conhecimento singular e particular.

Aqui, isso que é a obra, é também, de minha parte, o documento de uma introjeção dos modos de ser e usar a Zona. O cantor Tom Zé, no encarte do seu disco *Defeito de Fabricação* (1999), afirma que “o Terceiro Mundo tem uma crescente população. A maioria se transforma em uma

espécie de “andróides”, quase sempre analfabetos e com escassa especialização para o trabalho. Mas revelam alguns “defeitos” inatos, como criar, pensar, dançar, sonhar” (ZÉ, 1999). Esses andróides com defeito de fabricação são os que formulam soluções na adversidade.

Na experiência cotidiana da região que escolhi para conhecer, passei a perceber modos de fazer que se aproximam da ideia de Tom Zé e daquele híbrido entre forma e conteúdo apontado por Milton Santos. Esses saberes compartilhados foram disparadores de um processo de fazer artístico que tem muito do *modus operandi* da Zona. Por fim, a galeria tornou-se esse lugar de narrativa da experiência, em dois trabalhos que relacionam camadas de significados pelas

Figura 5 Montagem de Pequena história da Zona na exposição na Pinacoteca Barão do Santo Ângelo, 2018. Fotografia do autor.



imagens, mas também relato de uma experiência em andamento através da sua solução de montagem.

Ainda Pensando a Experiência e o Risco Instrumental

Suely Rolnik, em seu artigo *Antropofagia Zumbie* (2018), aponta para o risco de uma instrumentalização do outro. Para ela, nossa tradição antropofágica, inaugurada na cultura por Oswald de Andrade e seu *Manifesto Antropófago* (ANDRADE, 1928), não garante “a vitalidade da sociedade”. Ir à Zona, aprender com Roland e Inel, perceber o quanto essa experiência mudou o modo de funcionar dentro do trabalho, não é o mesmo que dizer que há uma troca efetiva, que

algo de novo se criou entre nós. Não é, ainda, dizer que aquela nova espécie de planta se gerou a partir do Ecótono.

Do nosso encontro surgiu sim outra coisa. Quando me aproximo de Roland e Inel, na sua vida cotidiana, aquele lugar é algo novo e desperta o novo da experiência em mim, me atravessa. Para eles, o novo se dá nesse choque de ter alguém de outro mundo interessado por algo tão banal que eles tem a oferecer. Como artista, traduziu-se uma série de soluções poéticas, duas delas estão aqui. A eles, não sei. É importante perceber uma certa unilateralidade desses trabalhos, sob pena de nos tornarmos românticos de uma alteridade que olha o outro a partir de um lugar etnocêntrico.

Figura 6 Montagem de Solução de forma-conteúdo na exposição na Pinacoteca Barão do Santo Ângelo, 2018. Fotografia do autor.



Hélio Oiticica, que teve seu trabalho transformado pelo contato com a favela carioca durante a década de 1960, afirmava em seu livro *Aspiro ao Grande Labirinto* (1986), que:

a posição com referência a uma ‘ambientação’ e a consequente derrubada de todas as antigas modalidades de expressão: pintura-quadro, escultura, etc., propõe uma manifestação total, íntegra, do artista nas suas criações, que poderiam ser proposições para a participação do espectador (OITICICA, 1986, p. 78).

É a partir dessa experiência que o artista transcende o quadro pictórico e passa a produzir trabalhos como os *Parangolés*.

Pensando em Oiticica e na forma como a experiência na Zona vem influenciando meu trabalho, percebo que o critério de seleção acontece de forma bastante intuitiva. Larrosa fala de saberes da experiência como individuais e únicos. Uma mesma experiência produz saberes diferentes em indivíduos distintos. Rolnik afirma que os critérios de seleção de um sistema de valores estão ligados a uma noção prática:

se esse sistema funciona, com que funciona, em que medida mobiliza ou não potências particulares e em que medida proporciona os meios para criar mundos. Isso não vale para o sistema como um todo, somente para alguns de seus fragmentos que podem ser articulados, de maneira totalmente inescrupulosa, com fragmentos de outros sistemas. (ROLNIK, 2008, p. 2)

A utilidade define a absorção ou não de determinado dado de uma cultura. No meu caso, a experiência de comer *Feijão de Refugiado* disparou um modo de fazer que incluiu barbantes, latas e pregos, numa montagem absolutamente instintiva, da qual só tomei consciência quando me afastei e olhei para tudo na parede.

Referências

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropofágico**. In: Revista de Antropofagia, ano 1, n. 1, p. 3 e 7, São Paulo, maio de 1928.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Obras Escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 197 - 221, 1985.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20 - 28, Rio de Janeiro, 2002.

COELHO, Jacinto Prado. **Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega, Estilística e Literária**. Porto: Editora do Minho. 1978.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco. 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades Víveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002. Data de acesso: 01/04/2017.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia Zombie**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Antropozombie.pdf>. Data de acesso: 29/05/2018.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Edusp, 2008.

ZÉ, Tom. **Defeito de Fabricação**. Rio de Janeiro: Trama, 1999.

ZANATTA, Cláudia. **Ecótono e Efeitos de Borda: Arte e Comunidade como Zonas de Atrito**. Disponível em: <https://campoearte.files.wordpress.com/2015/05/ecc3b3tono-e-efeitos-de-borda.pdf> Data de acesso: 17/06/2018.

Cristiano Souto Sant'anna

Mestre em Artes Visuais pela UFRGS. Seus trabalhos envolvem arte, arte colaborativa, fotografia e ação social. Participou de exposições no Centro Cultural CEF (Brasília, Brasil), Galeria Lunara (Porto Alegre, Brasil), NanoFotoFest (Buenos Aires, Argentina), PhotoVisa Festival 2015 (Rússia), Embajada do Brasil na Argentina (Buenos Aires, Argentina), Bienal Argentina de Fotografia Documental (Tucuman, Argentina). Durante 2017, 2018 e 2019, trabalhou em colaboração com Jacson Carboneiro, um catador em Porto Alegre, Brasil. Nessa ação, eles trocam de papéis entre fotógrafo e catador para produzir uma poética colaborativa na Virada Sustentável 2019.